

## CULTURA

# No escurinho dos cinemas de rua

Os cinemas de rua já fizeram grande sucesso em Belém e permanecem na memória afetiva de muitas pessoas, mas apenas dois ainda existem. Conheça vários deles



**EM IMAGENS** ① e ② Cinema Olympia ③ Marco Antonio Moreira FOTO: ALESSANDRA SERRÃO/COMUS

## LEMBRANÇAS

Cintia Magno

**A**tividades musicais e teatrais eram os grandes focos da diversão na Belém, ainda marcada pelo apogeu da borracha, quando uma nova forma de diversão foi ganhando espaço na capital, provocando interferências não apenas no comportamento da sociedade à época, mas na própria configuração urbana e arquitetônica da cidade. Ainda que já ocorressem exibições esporádicas de filmes em espaços como circos, teatros, feiras e cafés, foi a partir dos anos 1911 e 1912 que Belém viu multiplicar o surgimento de salas de exibição permanentes de filmes e documentários. Enfrentando diferentes crises ao longo dos anos, os chamados cinemas de rua fizeram parte da cena de Belém até meados de 2006, quando praticamente os últimos cinemas de rua encerraram as atividades. Na história da cidade e na própria memória afetiva de quem vivenciou parte desse cenário, porém, os cinemas de rua ainda ocupam um espaço importante.

As últimas décadas do século XIX e início do XX foram marcadas por um forte crescimento demográfico e de atividades econômicas em Belém. Parte desse crescimento demográfico se deu às imigrações, dentre elas as de europeus. Com elas, vieram também os primeiros projetores que deram início às exibições de filmes mudos na capital, concentrando-se inicialmente em locais que não tinham como finalidade a exibição de filmes, mas outras atividades artísticas e culturais, conforme registra o professor da faculdade de história da Universidade Federal do Pará (UFPA), Pere Petit, no artigo intitulado "Cinema e História no Fim Da Belle-Époque Belémense (1911-1913): Contribuição ao Cinema Paraense do Cineasta Ramon de Baños".



FOTO: AUTOR DESCONHECIDO

Nesse sentido, o período inicial do cinema no Pará é dividido em duas fases, a época do Cinema Ambulante e Sazonal, em que a nova diversão ocupava círcos, teatros, feiras, cafés; e a segunda fase que iniciou em 1908 e teve seu apogeu em 1911 e 1912, quando já se vivenciava a construção de diferentes salas de exibição permanentes de filmes e documentários na cidade.

Dentre as construções mais suntuosas da época, o Cinema Olympia chamou grande atenção, sendo inaugurado em 1912 e permanecendo em atividade até hoje, perpetuando-se como o cinema mais antigo do Brasil ainda em funcionamento. "Inicialmente não existiam salas de cinema. Especialmente na época do Cirio de Nazaré tinham muitas exibições de filmes, mas depois desapareciam. Um dos primeiros cinemas permanentes vai ser o Odeon. Já os dois grandes cinemas frequentados pela elite, em que os ingressos eram muito mais caros, vão ser o Rio Branco e o Olympia, remanescentes do boom da borracha, mas que vão se manter por mais tempo, com troca de donos ao longo dos anos", explica Pere. "O Olympia é considerado o cinema mais antigo em funcionamento no mundo. Antes ti-

nha um concorrente que era o Olympia de Lisboa, mas que já deixou de funcionar há alguns anos".

Médico, jornalista, crítico e pesquisador de cinema, Pedro Veriano registrou no livro "Cinema no Tucupi" que no início da segunda década do século XX, Belém teve 12 salas de cinema funcionando e não mais teatros alugados, número que cresceu ainda consideravelmente chegando a uma concentração de cerca de 20 salas de exibição ainda nos anos 20. Ainda que a região central de Belém concentrasse uma grande quantidade de cinemas, as salas não se resumiam a esse trecho. Ao longo dos anos houve também a expansão das salas de exibição para os diferentes bairros da cidade, até mesmo para os distritos como Icoaraci e Mosqueiro. "As salas de bairro eram modestas e sempre cobravam mais barato do que as de centro", relata Pedro Veriano.

Tal configuração de cinema de rua possibilitou que, por algum tempo, Belém tivesse salas de exibições na maioria de seus bairros, ainda que em proporções menores e menos luxuosas que o Olympia, por exemplo. Mais do que descentralizar as exibições cinematográficas, os chamados cinemas de bairro também fomentavam um ritual de afetividade, de vizin-

hança com os seus moradores, como avalia o crítico de cinema, Marco Antonio Moreira. "Os cinemas, assim como os teatros, são referências de memórias das pessoas. Neles há pessoas que viveram grandes momentos ou dramas, as pessoas se emocionam, choram, muita gente começou a namorar num cinema e depois acabou casando com aquele namorado", relaciona. "São essas coisas que fazem com que as salas de cinema sejam lembradas nos últimos tempos pelos historiadores e pesquisadores como uma referência de memória das pessoas que frequentaram. A sala de cinema não é apenas uma sala de cinema, também guarda a memória das pessoas que frequentaram".

Dentre as memórias guardadas por Marco Antonio Moreira estão as do antigo Cine Palácio, inaugurado no final dos anos 50 e que encerrou suas atividades em 1997, após seu espaço ser vendido para uma igreja. "Era o maior cinema de Belém, ficava na Rua Manoel Barata com a avenida Presidente Vargas. Durante muito tempo cinema Olympia e Palácio foram os melhores", lembra.

"Mas não podemos esquecer também o Cinema Nazaré e o Cinema Iracema, cinemas maravilhosos que eu frequentei bastante e que funcionaram até 2006. Todos esses cinemas – o Cine Palácio, o Olympia, o Nazaré e o Iracema - eram do mesmo grupo, do Grupo Severiano Ribeiro".

Mesmo que as mudanças comportamentais e nos formatos sejam naturais em qualquer sociedade, Marco Antonio lamenta que o tempo tenha feito com que muitas histórias e referências dos antigos cinemas de rua tenham se perdido, o que não precisaria acontecer. Muitas construções históricas que já abrigaram salas de exibições em Belém foram demolidas. Permanecem guardadas em poucos registros fotográficos de diferentes épocas e também na memória de quem pode viver mais esse período da história da cidade.



**Os cinemas, assim como os teatros, são referências de memórias das pessoas. Neles há pessoas que viveram grandes momentos ou dramas, as pessoas se emocionam, choram, muita gente começou a namorar num cinema e depois acabou casando com aquele namorado"**

Marco Antonio Moreira,  
crítico de cinema

**"O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas"**

Hoje, os cinemas de rua de Belém foram basicamente extintos, com exceção do Cine Olympia e do Cine Ópera, que ainda resistem. Marco Antonio aponta que uma série de fatos foram responsáveis por essa mudança. Ainda nos anos 50, a chegada da televisão gerou uma forte crise financeira para o setor, apesar de que, no Brasil, tal influência não tenha sido sentida de forma imediata já que, à época, nem todo mundo tinha condições financeiras de adquirir um aparelho de televisão. Já nos anos 90 a chegada das fitas VHS também provocaram mudanças. Ainda assim, a crise mais violenta ocorreu a partir dos anos 2000. "A maioria dos cinemas de rua do mundo inteiro acabou, na virada dos anos 90 para os anos 2000, devido a uma grande crise que houve no mercado de cinema e a partir da qual se colocou essa configuração que deu certo para os exibidores e produtores, que são os cinemas de shopping, normalmente localizados no último andar, misturados com outras lojas. É bom para os exibidores e produtores e talvez para uma nova geração que também está construindo as suas histórias lá, mas não sei se foi tão bom para quem gosta de cinema como uma referência", considera. "O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas. O cinema de rua, antiga mente, tinha aquela característica em que as pessoas que tinham um certo valor financeiro, conseguiam abrir uma sala. Hoje isso ficou inviável, só é viável para as grandes companhias. Para montar um cinema, hoje, é necessário mais de R\$1 milhão, então são vários fatores, internos e externos, que fizeram com que o cinema de rua perdesse espaço e basicamente desaparecesse".

Mesmo que as mudanças comportamentais e nos formatos sejam naturais em qualquer sociedade, Marco Antonio lamenta que o tempo tenha feito com que muitas histórias e referências dos antigos cinemas de rua tenham se perdido, o que não precisaria acontecer. Muitas construções históricas que já abrigaram salas de exibições em Belém foram demolidas. Permanecem guardadas em poucos registros fotográficos de diferentes épocas e também na memória de quem pode viver mais esse período da história da cidade.

**"O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas"**

Hoje, os cinemas de rua de Belém foram basicamente extintos, com exceção do Cine Olympia e do Cine Ópera, que ainda resistem. Marco Antonio aponta que uma série de fatos foram responsáveis por essa mudança. Ainda nos anos 50, a chegada da televisão gerou uma forte crise financeira para o setor, apesar de que, no Brasil, tal influência não tenha sido sentida de forma imediata já que, à época, nem todo mundo tinha condições financeiras de adquirir um aparelho de televisão. Já nos anos 90 a chegada das fitas VHS também provocaram mudanças. Ainda assim, a crise mais violenta ocorreu a partir dos anos 2000. "A maioria dos cinemas de rua do mundo inteiro acabou, na virada dos anos 90 para os anos 2000, devido a uma grande crise que houve no mercado de cinema e a partir da qual se colocou essa configuração que deu certo para os exibidores e produtores, que são os cinemas de shopping, normalmente localizados no último andar, misturados com outras lojas. É bom para os exibidores e produtores e talvez para uma nova geração que também está construindo as suas histórias lá, mas não sei se foi tão bom para quem gosta de cinema como uma referência", considera. "O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas. O cinema de rua, antiga mente, tinha aquela característica em que as pessoas que tinham um certo valor financeiro, conseguiram abrir uma sala. Hoje isso ficou inviável, só é viável para as grandes companhias. Para montar um cinema, hoje, é necessário mais de R\$1 milhão, então são vários fatores, internos e externos, que fizeram com que o cinema de rua perdesse espaço e basicamente desaparecesse".

Mesmo que as mudanças comportamentais e nos formatos sejam naturais em qualquer sociedade, Marco Antonio lamenta que o tempo tenha feito com que muitas histórias e referências dos antigos cinemas de rua tenham se perdido, o que não precisaria acontecer. Muitas construções históricas que já abrigaram salas de exibições em Belém foram demolidas. Permanecem guardadas em poucos registros fotográficos de diferentes épocas e também na memória de quem pode viver mais esse período da história da cidade.

**"O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas"**

Hoje, os cinemas de rua de Belém foram basicamente extintos, com exceção do Cine Olympia e do Cine Ópera, que ainda resistem. Marco Antonio aponta que uma série de fatos foram responsáveis por essa mudança. Ainda nos anos 50, a chegada da televisão gerou uma forte crise financeira para o setor, apesar de que, no Brasil, tal influência não tenha sido sentida de forma imediata já que, à época, nem todo mundo tinha condições financeiras de adquirir um aparelho de televisão. Já nos anos 90 a chegada das fitas VHS também provocaram mudanças. Ainda assim, a crise mais violenta ocorreu a partir dos anos 2000. "A maioria dos cinemas de rua do mundo inteiro acabou, na virada dos anos 90 para os anos 2000, devido a uma grande crise que houve no mercado de cinema e a partir da qual se colocou essa configuração que deu certo para os exibidores e produtores, que são os cinemas de shopping, normalmente localizados no último andar, misturados com outras lojas. É bom para os exibidores e produtores e talvez para uma nova geração que também está construindo as suas histórias lá, mas não sei se foi tão bom para quem gosta de cinema como uma referência", considera. "O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas. O cinema de rua, antiga mente, tinha aquela característica em que as pessoas que tinham um certo valor financeiro, conseguiram abrir uma sala. Hoje isso ficou inviável, só é viável para as grandes companhias. Para montar um cinema, hoje, é necessário mais de R\$1 milhão, então são vários fatores, internos e externos, que fizeram com que o cinema de rua perdesse espaço e basicamente desaparecesse".

Mesmo que as mudanças comportamentais e nos formatos sejam naturais em qualquer sociedade, Marco Antonio lamenta que o tempo tenha feito com que muitas histórias e referências dos antigos cinemas de rua tenham se perdido, o que não precisaria acontecer. Muitas construções históricas que já abrigaram salas de exibições em Belém foram demolidas. Permanecem guardadas em poucos registros fotográficos de diferentes épocas e também na memória de quem pode viver mais esse período da história da cidade.

**"O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas"**

Hoje, os cinemas de rua de Belém foram basicamente extintos, com exceção do Cine Olympia e do Cine Ópera, que ainda resistem. Marco Antonio aponta que uma série de fatos foram responsáveis por essa mudança. Ainda nos anos 50, a chegada da televisão gerou uma forte crise financeira para o setor, apesar de que, no Brasil, tal influência não tenha sido sentida de forma imediata já que, à época, nem todo mundo tinha condições financeiras de adquirir um aparelho de televisão. Já nos anos 90 a chegada das fitas VHS também provocaram mudanças. Ainda assim, a crise mais violenta ocorreu a partir dos anos 2000. "A maioria dos cinemas de rua do mundo inteiro acabou, na virada dos anos 90 para os anos 2000, devido a uma grande crise que houve no mercado de cinema e a partir da qual se colocou essa configuração que deu certo para os exibidores e produtores, que são os cinemas de shopping, normalmente localizados no último andar, misturados com outras lojas. É bom para os exibidores e produtores e talvez para uma nova geração que também está construindo as suas histórias lá, mas não sei se foi tão bom para quem gosta de cinema como uma referência", considera. "O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas. O cinema de rua, antiga mente, tinha aquela característica em que as pessoas que tinham um certo valor financeiro, conseguiram abrir uma sala. Hoje isso ficou inviável, só é viável para as grandes companhias. Para montar um cinema, hoje, é necessário mais de R\$1 milhão, então são vários fatores, internos e externos, que fizeram com que o cinema de rua perdesse espaço e basicamente desaparecesse".

Mesmo que as mudanças comportamentais e nos formatos sejam naturais em qualquer sociedade, Marco Antonio lamenta que o tempo tenha feito com que muitas histórias e referências dos antigos cinemas de rua tenham se perdido, o que não precisaria acontecer. Muitas construções históricas que já abrigaram salas de exibições em Belém foram demolidas. Permanecem guardadas em poucos registros fotográficos de diferentes épocas e também na memória de quem pode viver mais esse período da história da cidade.

**"O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas"**

Hoje, os cinemas de rua de Belém foram basicamente extintos, com exceção do Cine Olympia e do Cine Ópera, que ainda resistem. Marco Antonio aponta que uma série de fatos foram responsáveis por essa mudança. Ainda nos anos 50, a chegada da televisão gerou uma forte crise financeira para o setor, apesar de que, no Brasil, tal influência não tenha sido sentida de forma imediata já que, à época, nem todo mundo tinha condições financeiras de adquirir um aparelho de televisão. Já nos anos 90 a chegada das fitas VHS também provocaram mudanças. Ainda assim, a crise mais violenta ocorreu a partir dos anos 2000. "A maioria dos cinemas de rua do mundo inteiro acabou, na virada dos anos 90 para os anos 2000, devido a uma grande crise que houve no mercado de cinema e a partir da qual se colocou essa configuração que deu certo para os exibidores e produtores, que são os cinemas de shopping, normalmente localizados no último andar, misturados com outras lojas. É bom para os exibidores e produtores e talvez para uma nova geração que também está construindo as suas histórias lá, mas não sei se foi tão bom para quem gosta de cinema como uma referência", considera. "O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas. O cinema de rua, antiga mente, tinha aquela característica em que as pessoas que tinham um certo valor financeiro, conseguiram abrir uma sala. Hoje isso ficou inviável, só é viável para as grandes companhias. Para montar um cinema, hoje, é necessário mais de R\$1 milhão, então são vários fatores, internos e externos, que fizeram com que o cinema de rua perdesse espaço e basicamente desaparecesse".

Mesmo que as mudanças comportamentais e nos formatos sejam naturais em qualquer sociedade, Marco Antonio lamenta que o tempo tenha feito com que muitas histórias e referências dos antigos cinemas de rua tenham se perdido, o que não precisaria acontecer. Muitas construções históricas que já abrigaram salas de exibições em Belém foram demolidas. Permanecem guardadas em poucos registros fotográficos de diferentes épocas e também na memória de quem pode viver mais esse período da história da cidade.

**"O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas"**

Hoje, os cinemas de rua de Belém foram basicamente extintos, com exceção do Cine Olympia e do Cine Ópera, que ainda resistem. Marco Antonio aponta que uma série de fatos foram responsáveis por essa mudança. Ainda nos anos 50, a chegada da televisão gerou uma forte crise financeira para o setor, apesar de que, no Brasil, tal influência não tenha sido sentida de forma imediata já que, à época, nem todo mundo tinha condições financeiras de adquirir um aparelho de televisão. Já nos anos 90 a chegada das fitas VHS também provocaram mudanças. Ainda assim, a crise mais violenta ocorreu a partir dos anos 2000. "A maioria dos cinemas de rua do mundo inteiro acabou, na virada dos anos 90 para os anos 2000, devido a uma grande crise que houve no mercado de cinema e a partir da qual se colocou essa configuração que deu certo para os exibidores e produtores, que são os cinemas de shopping, normalmente localizados no último andar, misturados com outras lojas. É bom para os exibidores e produtores e talvez para uma nova geração que também está construindo as suas histórias lá, mas não sei se foi tão bom para quem gosta de cinema como uma referência", considera. "O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas. O cinema de rua, antiga mente, tinha aquela característica em que as pessoas que tinham um certo valor financeiro, conseguiram abrir uma sala. Hoje isso ficou inviável, só é viável para as grandes companhias. Para montar um cinema, hoje, é necessário mais de R\$1 milhão, então são vários fatores, internos e externos, que fizeram com que o cinema de rua perdesse espaço e basicamente desaparecesse".

Mesmo que as mudanças comportamentais e nos formatos sejam naturais em qualquer sociedade, Marco Antonio lamenta que o tempo tenha feito com que muitas histórias e referências dos antigos cinemas de rua tenham se perdido, o que não precisaria acontecer. Muitas construções históricas que já abrigaram salas de exibições em Belém foram demolidas. Permanecem guardadas em poucos registros fotográficos de diferentes épocas e também na memória de quem pode viver mais esse período da história da cidade.

**"O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas"**

Hoje, os cinemas de rua de Belém foram basicamente extintos, com exceção do Cine Olympia e do Cine Ópera, que ainda resistem. Marco Antonio aponta que uma série de fatos foram responsáveis por essa mudança. Ainda nos anos 50, a chegada da televisão gerou uma forte crise financeira para o setor, apesar de que, no Brasil, tal influência não tenha sido sentida de forma imediata já que, à época, nem todo mundo tinha condições financeiras de adquirir um aparelho de televisão. Já nos anos 90 a chegada das fitas VHS também provocaram mudanças. Ainda assim, a crise mais violenta ocorreu a partir dos anos 2000. "A maioria dos cinemas de rua do mundo inteiro acabou, na virada dos anos 90 para os anos 2000, devido a uma grande crise que houve no mercado de cinema e a partir da qual se colocou essa configuração que deu certo para os exibidores e produtores, que são os cinemas de shopping, normalmente localizados no último andar, misturados com outras lojas. É bom para os exibidores e produtores e talvez para uma nova geração que também está construindo as suas histórias lá, mas não sei se foi tão bom para quem gosta de cinema como uma referência", considera. "O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas. O cinema de rua, antiga mente, tinha aquela característica em que as pessoas que tinham um certo valor financeiro, conseguiram abrir uma sala. Hoje isso ficou inviável, só é viável para as grandes companhias. Para montar um cinema, hoje, é necessário mais de R\$1 milhão, então são vários fatores, internos e externos, que fizeram com que o cinema de rua perdesse espaço e basicamente desaparecesse".

Mesmo que as mudanças comportamentais e nos formatos sejam naturais em qualquer sociedade, Marco Antonio lamenta que o tempo tenha feito com que muitas histórias e referências dos antigos cinemas de rua tenham se perdido, o que não precisaria acontecer. Muitas construções históricas que já abrigaram salas de exibições em Belém foram demolidas. Permanecem guardadas em poucos registros fotográficos de diferentes épocas e também na memória de quem pode viver mais esse período da história da cidade.

**"O mercado de exibição ficou mais para as grandes empresas"**

Hoje, os cinemas de rua de Belém foram basicamente extintos, com exceção do Cine Olympia e do Cine Ópera, que ainda resistem. Marco Antonio aponta que uma série de fatos foram responsáveis por essa mudança. Ainda nos anos 50, a chegada da televisão gerou uma forte crise financeira para o setor, apesar de que, no Brasil, tal influência não tenha sido sentida de forma imediata já que, à época, nem todo mundo tinha condições financeiras de adquirir um aparelho de televisão. Já nos anos 90 a chegada das fitas VHS também provocaram mudanças. Ainda assim, a crise mais violenta ocorreu a partir dos anos 2000. "A maioria dos cinemas de rua do mundo inteiro acabou, na virada dos anos 90 para os anos 2000, devido a uma grande crise que houve no mercado de cinema e a partir da qual se colocou essa configuração que deu certo para